

Racismo: Brasil e a condição da Mulher Negra¹

Ana Letícia Chaves²
Caroline Corrêa de Lima³
Danielle Souza⁴
Carlos Leite⁵
Ivonésio Leite⁶

Resumo:

A proposta desenvolvida para este trabalho através de um projeto interdisciplinar que tem como título “Racismo e a condição da mulher negra”, feito por alunos do 4º semestre de publicidade e propaganda, se baseia na apresentação da problemática que as Mulheres Negras hoje vivem no Brasil. Traz-se como ferramenta de desmistificação a criação de uma mídia alternativa no elevador, que tem como objetivo mostrar a diversidade de nosso país, utilizando as portas do elevador para montar um rosto com diferentes cores com o objetivo de trazer à tona esse assunto que ainda é velado por boa parte da população, criando uma aproximação do assunto com o público que utiliza a esse meio de transporte. Nesse contexto, tem-se o apoio de uma das conselheiras do Conepir (Conselho do Negro de Piracicaba), Mayra Kristina, que compartilha os ideais da Marcha das Mulheres Negras que ocorreu no ano de 2015.

Palavras-chave: Racismo; Brasil; Marcha das Mulheres Negras; Desmistificação.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Publicidade e Propaganda, modalidade PP 13 Publicidade em outros meios.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Publicidade e Propaganda, email: carolinec.lima@hotmail.com

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda, email: chavesanaleticia@hotmail.com

⁴ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda, email: daniellesouza.95@hotmail.com

⁵ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda, email: Carlosroberto.leite@live.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda, email: ivonesiols@gmail.com

1 Introdução

Quando se fala sobre racismo, inicialmente o primeiro pensamento a surgir na mente das pessoas é contra os negros, porém o racismo é um preconceito baseado na distinção de etnias das pessoas. Pode ser contra negros, asiáticos, índios, mulatos e até mesmo com brancos. Porém os negros em geral são a principal referência quando o tema em discussão é o racismo, por serem os mais afetados e o principal alvo deste mal que insiste em subsistir na sociedade atual.

Essa perseguição tem se originado desde o período colonial brasileiro, em que alguns valorizavam a superioridade dos brancos e a inferioridade das demais. Neste momento surgiu a escravidão, em que os negros trabalhavam em condições desumanas e precárias e eram vistos e vendidos como objeto sem exercerem nenhum tipo de escolha ou oposição.

Os números atuais revelam o quanto a herança da escravidão ainda está presente no Brasil. Os negros ganham o equivalente a 59% do salário dos brancos e, apesar de 54% da população brasileira ser formada por pessoas negras, representam apenas 17% dos mais ricos em nosso país, evidenciando ainda mais a desigualdade social existente no Brasil. Esses percentuais foram divulgados pelo IBGE (2016) numa pesquisa realizada em 2015 através do PME (Pesquisa mensal de emprego).

Segundo o mesmo instituto, em 2014 os negros representavam 76% da população pobre do Brasil e, de acordo com o IPEA, o jovem negro tinham 3,7 vezes mais chances de ser vítima de homicídio que um jovem branco (ÁLVARES, 2013).

Se ser negro no nosso país já representa uma inúmera quantidade de barreiras a serem enfrentadas, ser mulher e negra é ainda mais difícil. Além de vivenciarem a discriminação racial em seu dia a dia, as mulheres negras ainda tem que enfrentar os obstáculos criados por uma sociedade sexista. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostrou em 2014 que a taxa de analfabetismo entre as mulheres negras é duas vezes maior que entre mulheres brancas e de acordo com o IPEA, a taxa de desemprego entre a população feminina negra pode chegar a 12% (LISBOA, 2014)

Na atualidade, o tema é um tanto quanto sonogado. Muitos insistem e dizem que o racismo já é um fato abolido da nossa sociedade, porém o racismo se encontra cada vez mais presente e atuante em nosso meio. É uma realidade velada sobre uma massa que insiste em viver de aparências e deixam de enxergar a verdade.

Joel Rufino dos Santos (1984, p. 43-45) comenta sobre a ilusória “democracia racial” que nega a existência do racismo na sociedade brasileira:

Por que boa parte dos brasileiros ainda acredita que vivamos numa ‘democracia racial’? Para começar, porque as elites que nos governaram até hoje precisavam vender esta mentira, aqui e no exterior. A cabeça de uma sociedade é, em geral, feita pela sua classe dominante – com o objetivo duplo de manter seus privilégios e deixa-la dormir em paz. [...] Além de acreditar na sua ‘democracia racial’, o brasileiro acha que falar no problema é subversão. Que conclusão extrair daí? O mito da democracia racial é uma forma brasileiríssima, bastante eficaz, de controle social.

Na região de Piracicaba, cidade de cerca de 300 mil habitantes (IBGE, 2010), localizada no interior do Estado de São Paulo, o assunto não é diferente, já que o racismo ainda é tratado com total superficialidade. Ainda existe a falta de incentivo tanto da mídia, quanto na formação individual de cada um. Em entrevista concedida em 2015 pela conselheira do Conepir, Mayra Kristina, ela diz que os meios de comunicação são um dos grandes vilões do racismo, pois que as mulheres negras não se veem representadas em quase nenhum meio de comunicação. Outra questão a ser tratada, é a implementação da história e cultura negra nas escolas, a conselheira ainda afirma que:

Nas escolas seria o primeiro passo ao meu ver, tem muitas histórias que não são passadas, a nossa cultura só é explorada em datas comemorativas e de maneira bem banalizada. A lei 10.639 torna obrigatória o ensino da cultura Afro brasileira e africana nas escolas, eu sendo educadora e militante vejo que os próprios profissionais da educação não sabem ou não querem trabalhar este assunto (KRISTINA, 2015).

Seria uma forma de conhecimento e conscientização na formação de uma criança, que irá crescer com tolerância e respeito à diversidade. Mesmo o racismo ainda sendo trabalhado de forma não tão abrangente, existem ONGS na região que lutam para que este quadro mude. Como por exemplo o CONEPIR, AFROPIR e a Marcha das Mulheres Negras, que trabalham sobre este tema seja forma jurídica ou cultural.

Ainda que o governo federal tente validar as leis que vão contra o racismo, nas questões de políticas públicas ainda é tratado com muito cuidado, pelo fato de ser muito difícil se provar um ato de racismo, principalmente em um lugar onde este assunto é velado.

Já as organizações não governamentais vem se fortalecendo cada vez mais para a desmistificação do racismo, sendo defensores da causa, não tolerando nenhum tipo de discriminação racial e solicitando que as medidas mais justas e cabíveis sejam tomadas para que nenhum desses agressores sejam impunes.

Tem sido cada vez mais evidente, a luta da mulher, de uma maneira geral, por cidadania, e em se tratando da mulher negra essa luta vem sendo redobrada porque ela briga pelo direito de ser ela mesma, em uma sociedade que a julga pela cor, pelo direito de ser mulher com igualdade de gênero. Pensando nestas questões, nós escolhemos relatar e desmistificar o assunto racismo diante da mulher negra.

A Marcha das Mulheres Negras tem como propósito a unicidade da luta negra, e do direito ao bem viver, na realidade o movimento a favor da cidadania e igualdade da mulher negra, só terá um propósito realmente positivo quando todas as vertentes do poder público, incentivar, apoiar e abraçar a causa para que a sociedade veja que o governo o qual nos representa, também está na luta contra o racismo, pela tolerância, pela igualdade, diversidade e o bem viver da mulher.

A Marcha criou um diálogo real entre as mulheres e, a partir de sua mobilização, aumentou o fortalecimento mútuo e permitiu uma construção a partir do que une as mulheres e não o que as separa.

2 Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo desenvolver uma produção de mídia alternativa no elevador, que concentra-se em conscientizar, impactar e sensibilizar o público de que as diferenças na sociedade existem, porém elas são um conjunto de características que formam a nossa cultura. Promove também a luta pela mulher negra e desmitifica o preconceito racial.

3 Justificativa

Como o elevador é um meio muito utilizado e presente nos dias de hoje tomando cada vez mais espaço em lugares com grande concentração de público, e com a facilidade de que ele traz as pessoas por ser um meio de transporte rápido, seria a ferramenta ideal para atingir diferentes públicos com diferentes classes sociais com o objetivo de mostrar que cores não fazem diferença, a disseminação das grandes lutas que a sociedade passa, especificamente retratando nesse trabalho a luta da Mulher Negra pelo seu devido espaço, que sempre foi limitado primeiro por ser negra, e depois por ser mulher.

A violência, o assédio, o limite que o mercado de trabalho coloca a restrição das universidades, do ensino público, o aspecto estético, são fatores que se evidenciam cada vez mais em nosso país, porém ainda há pessoas que discriminam com comportamento racista.

Em contrapartida a mídia, a auto declaração de negros/pardos tem crescido continuamente no Brasil, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2014, realizada pelo IBGE, 53% dos brasileiros se declararam pardos ou negros, diante de 45,5% que se disseram brancos. Para se fazer um comparativo com dados antigos, em 2004, dez anos atrás na mesma pesquisa, 51,2% dos brasileiros se diziam brancos diante de 47,9% que se declaravam negros ou/e pardos.

Ou seja, a sociedade negra está se desmistificando, se colocando a frente da causa, mas ainda faltam ferramentas que auxiliem nisso e as mídias alternativas sendo usadas de tal forma com diferentes pontos estratégicos podem se tornar grandes aliadas.

4 Métodos e Técnicas Utilizados

Para o desenvolvimento da mídia alternativa, primeiramente foi elaborado uma pesquisa, para se avaliar os melhores pontos estratégicos para ser produzido, esse ponto precisaria ter uma grande circulação de público de diferentes classes sociais.

A produção da mídia alternativa foi feita em um ponto estratégico do Shopping Piracicaba no elevador que leva do estacionamento superior ao interior do Shopping.

A mídia tem o conceito de mostrar o rosto de uma pessoa sendo formado ao se fechar as portas do elevador, os materiais para o desenvolvimento foram fotos de pessoas com diferentes tons de pele e características de identidade, para que a mensagem de diversidade pudesse ser transmitida, retiradas do blog da Find Wall Paper, site da UOL. As fotos diferentes que formam um rosto através da composição de dois rostos partidos ao meio é a representação das diferenças na sociedade.

A produção desse formato de rosto utilizou-se o software Adobe Photoshop CS5 para a montagem das fotos, A disposição de todo material em conjunto retrata de maneira positiva as diferenças raciais, mostrando que cada um, com sua particularidade cria uma sociedade rica em cultura e com diversas belezas estéticas. A mensagem passada é justamente para instigar o público a refletir sobre o assunto, e a conclusão “Não é Branco, Não é Preto, Não é Amarelo. É Humano” é para reafirmar que todos formam um só.

5 Descrição do produto ou processo

O processo da produção foi feito com montagem de fotos para que pudesse ter liberdade de editar as fotos de acordo com o intuito de encaixar os rostos formando um só.



6 CONSIDERAÇÕES

Através do desenvolvimento do trabalho “Racismo: Brasil e a condição da mulher negra”, teve-se a oportunidade de colocar em pauta um assunto que ainda causa constrangimento ao ser citado e discutido, o preconceito racial. E além de tudo isso, buscou-se soluções alternativas e complementares para a luta contra o racismo e para a visibilidade das Mulheres Negras.

A solução aqui exposta envolve a participação das mídias alternativas, sendo o elevador um meio de transporte comum mas de alta circulação de pessoas, onde seria um impacto por ser algo inesperado transmitindo uma mensagem que coloca em evidência as diferenças existentes em nosso meio. Procurou-se também basear a ideia com fundamentos em cima das informações coletadas na entrevista feita com a conselheira do Conselho do Negro de Piracicaba (Conepir), Mayra Kristina, trazendo um aspecto mais próximo possível da realidade ao trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVARES, Débora. IPEA: jovem negro tem 3,7 vezes mais risco de homicídio. O Estado de São Paulo, São Paulo, 17 out.2013.

<<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,ipeajovem-negro-tem-3-7-vezes-mais-risco-de-homicidio,1086908>> . Acesso em: 09 maio 2016.

CALEGARI, Luíza. Negros ganham, em média, pouco mais da metade dos brancos, mostra IBGE.UOL Redação. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/empregos-ecarreiras/noticias/redacao/2014/01/30/trabalhadores-negros-ganham-pouco-mais-dametade-dos-brancos-mostra-ibge.htm>> . Acesso em: 09 de maio de 2016.

Find Wall Paper. Disponível em:
<http://findwallpaper.info/pretty+woman+face/page/5/>

LISBOA, Vinícius. Analfabetismo entre negras é duas vezes maior que entre brancas, aponta IBGE. ECB Agência Brasil, 31 out.2014. Disponível em:
<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-10/embargada-para-sexta-feira-denisegriesinger-4>>. Acesso em: 09 de maio de 2016.

POMPEU, Carolina. Agência Câmara de Notícias. Desemprego de mulheres negras chega a 12%, informa Ipea. Disponível em:
<<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/421074DESEMPREGO-DE-MULHERES-NEGRAS-CHEGA-A-12,-INFORMA-IPEA.html>> .Acesso em: 09 de maio de 2016.

SANTOS, Joel Rufino dos. O que é Racismo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos, 8)

UOL. Redação. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/empregos-ecarreiras/noticias/redacao/2016/01/28/diferenca-cai-em-2015-mas-negro-ganha-cerca-de59-do-salario-do-branco.htm>> . Acesso em: 09 de maio de 2016.

MATSUKI, Edgard. ECB Agência Brasil .Saiba o que significa "viral na internet". <<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2012/11/o-que-e-viral>>. Acesso em 09 de maio de 2016.

Uol. Redação.Disponível em:
http://acritica.uol.com.br/vida/Fashion-Beleza_0_389961072.html

EXAME. Notícias. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/8-dados-que-mostram-o-abismo-social-entre-negros-e-brancos>> . Acesso em: 09 de maio de 2016.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Direitos Humanos. Disponível em:
<<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/421074-DESEMPREGO-DE-MULHERES-NEGRAS-CHEGA-A-12,-INFORMA-IPEA.html>> . Acesso em: 09 de maio de 2016.

ESTADÃO. Geral. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,ipea-jovem-negro-tem-3-7-vezes-mais-risco-de-homicidio,1086908>> . Acesso em: 09 de maio de 2016.

APÊNDICE A – Entrevista com a conselheira do Conepir (Conselho do Negro de Piracicaba)

P: Mayra, primeiramente, gostaríamos de entender um pouco mais a fundo a sua atuação dentro do movimento negro e o trabalho do movimento negro em si aqui em nossa região, como começou, o que incentivou o trabalho, e a há quanto tempo ele é feito.

R: Piracicaba não tem bem um movimento formalizado ainda, mas existem organizações que trabalham esse tema, seja ele no cultural ou jurídico, posso citar o Afropira do qual faço parte da comissão que realiza trabalhos culturais e o Conepir, que é um conselho negro de Piracicaba que trabalha mais as questões de leis.

P: Como a região responde a Marcha das Mulheres Negras? Fale um pouco sobre o feedback que a população regional demonstra em relação a iniciativa.

R: A Marcha já aconteceu e a intenção agora é continuar a luta contra o racismo e realmente fazer valer o bem viver, a intenção é de ter reuniões onde falaremos sobre, vimos que em várias reuniões que tivemos antes muitas informações que numa conversa poderemos nos fortalecer. Durante a organização para se fazer a Marcha tivemos um interesse bom de quem estava envolvido.

P: Quando se fala sobre meios de comunicação, de que maneira hoje eles auxiliam quando o assunto é racismo?

R: Para falar a verdade os meios de comunicação são um dos grandes vilões do racismo, não nos vemos representados em quase nenhum meio de comunicação. Uma ou outra rede de comunicação fala-se abertamente sobre isso, posso citar a mídia Ninja.

P: Analisando como estudantes de comunicação, vemos que talvez a luta hoje não seja mais por conscientização, pois já é um trabalho que se luta a muitos anos, e todos temos consciência, o que nos torna conhecedores da causa, mas não combatentes e justamente por isso ainda é um ato comum na sociedade. Em sua opinião, qual é o melhor caminho para a desmistificação do Racismo?

R: Nas escolas seria o primeiro passo ao meu ver, tem muitas histórias que não são passadas nas escolas, a nossa cultura só é explorada em datas comemorativas e de maneira bem banalizada. A lei 10.639 torna obrigatória o ensino da cultura Afro brasileira e africana nas escolas, eu sendo educadora e militante vejo que os próprios profissionais da educação não sabem ou não querem trabalhar este assunto.